

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**A Representação da Marginalidade e da Pobreza na obra “A Hora da  
Estrela” de Clarice Lispector**

**PARINTINS – AM**

**2025**

## **Ficha Catalográfica**

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a).**

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

B624r Bitencourt, David Gato

A representação da marginalidade e da pobreza na obra A Hora da  
Estrela de Clarice Lispector / David Gato Bitencourt . Manaus : [s.n], 2025.

43 f. : ; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado  
do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Dilce Pio Nascimento.

1. Marginalidade. 2. Pobreza. 3. Hora da estrela. 4. Macabéa. 5.  
Exclusão. I. Dilce Pio Nascimento (Orient.) II. Universidade do  
Estado do Amazonas. III. Título

CDU (1997)81

**DAVID GATO BITENCOURT**

**A Representação da Marginalidade e da Pobreza na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA.

**Orientadora:** Me. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM**

**2025**

**DAVID GATO BITENCOURT**

**A Representação da Marginalidade e da Pobreza na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

**Aprovado em:** \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Me. Dilce Pio Nascimento (**Presidente** CESP/UEA)

Orientadora

---

Profª Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (**Membro** CESP/UEA)

---

Profº Dr. Arcângelo da Silva Ferreira (**Membro** CESP-UEA)

Parintins-AM

**DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho de forma mais que especial a todos aqueles que estiveram junto comigo durante minha trajetória acadêmica, e que não largaram minha mão em nenhum momento e foram o combustível necessário para que eu continuasse firme em meu propósito de alcançar mais esse objetivo da minha vida.

Dedico a minha família, aqueles que são o pilar que estrutura a minha vida e me sustentam nos momentos que eu penso em desabar, aqueles que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos e sempre comemoram comigo todas as minhas vitórias, dedico a minha mãe Maria Auxiliadora dos Santos Gato e ao meu pai Francisco Demivaldo Bitencourt Melo, por todo o apoio e ajuda incondicional que sempre me proporcionaram em todos os momentos da minha vida, por sempre acreditarem em mim, mais até do que eu mesmo consigo acreditar, e por mostrarem para mim que a educação é, e sempre foi o melhor caminho. Essa conquista não é só minha, é nossa, pois todas as vitórias da minha vida pertencem a eles também.

Dedico também a minha irmã Dávila Gato Bitencourt, por todo o companheirismo, o imenso apoio, e ajuda prestada durante toda essa trajetória, por acreditar em mim e me apoiar incondicionalmente, me auxiliando sempre que necessário e torcendo sempre para que eu alcance tudo aquilo que eu almejo em minha vida.

Também dedico de forma mais que especial também, a minha namorada Dandara Belém dos Santos, minha amiga, namorada, e parceira de vida com quem compartilho todos os momentos sejam eles alegres ou tristes, aquela que não larga da minha mão por nada e que sempre está comigo para me apoiar, para rir e chorar junto comigo, aquela que sempre me ajudou em meus trabalhos acadêmicos, e nos maiores desafios que eu pude enfrentar durante essa trajetória, me acompanhou e acompanha em tudo que faço, sempre com um sorriso no rosto e emanando todas as energias positivas para mim, essa vitória e esse diploma, se assim Deus permitir, não será só meu mas será nosso.

Esse trabalho também é dedicado à toda a minha turma, amigos e colegas do Let21, juntos fizemos e história e juntos vamos chegar no nosso maior objetivo que é a graduação. De modo mais que especial, dedico aos meus amigos mais que especiais na minha vida, Adson Gomes, Felipe Amaral, Manuela Chagas, Naely de Souza e Thainá Batista, que mesmo em meio a sorrisos, piadas, alguns desentendimentos e estresses, sempre estiveram comigo, e juntos

sempre sonhamos com esse momento mais que especial, dedico a eles pois sem a presença deles a caminhada seria ainda mais difícil.

Também dedico aqueles que não se fazem mais presentes nesse plano, aos meus avós maternos já falecidos, Braz Gato e Raimunda dos Santos Gato, que sempre me demonstraram todo o apoio e carinho, e fazem parte da minha história, me educando com todo o amor e carinho. Estendo essa dedicatória aqueles que estão longe, aos meus avós paternos Clóvis Melo e Maria do Carmo Bitencourt, que residem em uma comunidade do interior de Nhamundá, e que são pilares na minha vida e sempre estiveram comigo me apoiando e torcendo sempre pelas minhas vitórias, mesmo de longe.

De modo geral, dedico a todos aqueles que de alguma forma contribuíram e estiveram comigo até esse momento, vocês foram luz em minha vida em meio a escuridão, e me proporcionaram os melhores momentos, e uma força descomunal para seguir em frente, contribuindo não para meu crescimento acadêmico, mas pessoal também, mesmo com todas as dificuldades e demais obstáculos. Todo o carinho e gratidão sempre.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente e imensamente a Deus que me fortaleceu e me fez chegar até onde estou hoje, e em seguida à todos aqueles que contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico e toda minha trajetória durante o curso de Licenciatura em Letras, agradeço de todo coração a minha turma, amigos e colegas de sala de aula, por todo o companheirismo e amizade, agradeço a todos os professores do colegiado de letras por todos os conhecimentos e saberes repassados durante todos esses anos, os ensinamentos aprendidos em sala de aula me constituíram como pessoa e acima de tudo, como o profissional da Língua Portuguesa que quero me tornar.

Estendo meus agradecimentos de forma mais que especial também, a minha orientadora deste trabalho de conclusão de curso, Professora Mestra Dilce Pio Nascimento por todo o auxílio prestado durante essa caminhada e por ter abraçado minhas ideias e aceitado me orientar na construção da presente monografia, todos os ensinamentos e conhecimentos repassados foram de grande valia para mim.

Agradeço também aos professores que constituem essa banca avaliadora, professora Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia e professor Dr. Arcângelo da Silva Ferreira por aceitarem e se disponibilizarem a avaliar este trabalho. Desse modo, expresso aqui minha mais sincera gratidão a todos aqueles que contribuíram de inúmeras formas com minha trajetória nesse curso, toda a gratidão por todo o apoio prestado na minha caminhada acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, visa analisar e ampliar o debate crítico sobre as questões relacionadas a marginalidade e pobreza presentes na obra, “*A hora da Estrela*” (1977), de Clarice Lispector, uma das obras mais emblemáticas e destacadas do cenário da literatura brasileira. O principal objetivo desta pesquisa, consiste em analisar e investigar as diversas representações na obra do tema proposto, explorando dessa forma os significados psicológicos, sociais e simbólicos dessas representações, além de estabelecer um traçado reflexivo com outras obras e teóricos do campo filosófico e sociológico que reforcem as referidas pautas estudadas e trabalhadas nessa pesquisa. A pesquisa é de cunho teórico e possui um enfoque bibliográfico e interdisciplinar, que explora variadas vertentes críticas que provocam o debate sobre as camadas sociais. Ao falar sobre as mazelas sociais e as representações na referida obra, o trabalho debruçou-se sob os aspectos e características estilísticas e discursivas de Lispector, explorando as diversas pautas sensíveis e a construção simbólica de cada uma das personagens, e como a autora através de sua escrita, contribui para reflexão sobre determinadas representações. A monografia sustenta-se em capítulos de Referencial Teórico, Metodologia e Análise de Dados, e cada capítulo fortalece e constitui a base crítica e reflexiva dessa pesquisa, enfatizando o debate crítico sobre elementos históricos, políticos e sociais representados em “*A hora da Estrela*”. Contudo, a pesquisa objetifica uma abordagem que vai além da literatura em seu campo subjetivo, mas que incorpora elementos significativos sobre o debate social, pautando uma melhor compreensão sobre as nuances sociais.

**Palavras-chave:** Marginalidade. Pobreza. Hora da estrela. Macabéa. Exclusão.

## ABSTRACT

This final project aims to analyze and expand the critical debate on issues related to marginality and poverty, present in the work “*A hora da Estrela*” (1977) by Clarice Lispector, one of the most emblematic and prominent works in Brazilian literature. The main objective of this research is to analyze and investigate the various representations in the work, thus exploring the psychological, social, and symbolic meanings of these representations, in addition to establishing a reflective path with other works and theorists from the philosophical and sociological fields that reinforce the issues studied and worked on in the research. The research is theoretical in nature and has a bibliographic and interdisciplinary focus, which explores various critical aspects that provoke debate on social classes. When discussing social ills and representations in the work, the work focuses on Lispector's stylistic and discursive aspects and characteristics, exploring the various sensitive issues and the symbolic construction of each of the characters, and how the author, through her writing, contributes to the reflection on certain representations. The monograph is based on chapters of Theoretical Framework, Methodology and Data Analysis, and each chapter supports and constitutes the critical and reflective basis of this research, emphasizing the critical debate on historical, political, and social elements represented in *The Hour of the Star*. However, the research objectifies an approach that goes beyond literature in its subjective field, but that incorporates significant elements about the social debate, guiding a better understanding of social nuances.

**Keywords:** Marginality, poverty, society, Macabéa, exclusion.

## SUMÁRIO

### Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
<b>CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E REALIDADE SOCIAL .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 A MÁQUINA DA POBREZA E A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIDADE .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3. ENTRE NÁUSEAS E ESTRELAS: A MARGINALIDADE E A POBREZA REPRESENTADAS NA LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
<b>1.4. MARGINALIZAÇÃO E DESIGUALDADE EM A “HORA DA ESTRELA”: REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA. ....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1. ANÁLISE QUALITATIVA DA PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2. AS ETAPAS DA PESQUISA.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.1. PRIMEIRA ETAPA.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2.2. SEGUNDA ETAPA .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1. ANÁLISE ESTRUTURAL E ESTILÍSTICA DA OBRA “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2. ECOANDO SILENCIOS: O DRAMA DA LINGUAGEM E DA POBREZA EM MACABÉA.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3. A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA” .....</b>	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>.....</b>

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo investigar e analisar como Clarice Lispector representa a questão da marginalidade e da pobreza na obra “A hora da Estrela”, explorando todos os significados sociais, psicológicos e simbólicos dessas representações. Analisar os personagens principais que compõe essa obra, especialmente a personagem Macabéa, e como suas condições de vida refletem a marginalidade e a pobreza, explorando assim as técnicas narrativas utilizadas por Clarice para retratar a marginalização e seus múltiplos significados, incluindo o uso da linguagem, estilo e estrutura.

Partindo da trajetória de Macabéa, uma jovem nordestina que migra para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, a obra revela os desafios de indivíduos invisibilizados pela sociedade. Para tanto, essa pesquisa propõe-se a estabelecer um estudo reflexivo com outras obras de cunho sociológico e filosófico que também discorrem sobre temas como desigualdade e exclusão social, com o intuito de contextualizar e ampliar a análise. Além disso, o intuito é explorar as técnicas narrativas de Lispector, suas estratégias de construção textual e os impactos dessas escolhas na percepção do leitor sobre as questões apresentadas.

Macabéa, personagem central da narrativa, representa uma figura emblemática da marginalidade: mulher, nordestina, pobre e desprovida de qualquer reconhecimento social. Sua história reflete a dura realidade de milhares de brasileiros que enfrentam a pobreza extrema e a exclusão, tornando-se vítimas de um sistema social e econômico que perpetua desigualdades.

Ao explorar a alienação da personagem, Lispector apresenta uma crítica contundente a sociedade brasileira, destacando o processo de desumanização daqueles que ocupam posições periféricas no tecido social. Macabéa é descrita como alguém alheia a própria condição, incapaz de compreender sua marginalização e, conseqüentemente, de reagir a ela. Essa falta de consciência reforça a opressão que sofre, criando uma dinâmica complexa entre o individual e o coletivo.

O estudo proposto busca aprofundar a compreensão dessa alienação psicológica e de como ela se relaciona com a condição de pobreza da protagonista. A falta de perspectivas de Macabéa e sua resignação diante das adversidades são elementos centrais da obra, que expõem os efeitos devastadores das desigualdades sociais não apenas na vida material dos indivíduos, mas em sua subjetividade. Essa análise será contemplada por um exame das relações

interpessoais apresentadas na obra, incluindo a exploração e o desprezo que Macabéa enfrenta em diferentes contextos, desde o ambiente de trabalho até as relações afetivas.

A escolha do referido tema de pesquisa justifica-se na relevância da obra de Lispector dentro do contexto da literatura brasileira, bem como a importância de abordar as questões de cunho social e político, e toda a carga de crítica social que a obra carrega, é necessário compreender e contextualizar a forma como a pobreza e as mazelas sociais são retratadas pelas lentes de Lispector, através de seu estilo de escrita enigmático e impressionante. Propõe-se uma discussão de como a obra dialoga com questões estruturais da sociedade brasileira, como a migração interna, o preconceito, xenofobia, a exploração da força de trabalho e a desigualdade de gênero. A partir dessa abordagem é possível explorar como a obra transcende a narrativa ficcional, funcionando como uma denúncia social e um convite a reflexão, abordando e dialogando sobre temáticas sensíveis que permeiam a sociedade.

Teóricos e autores como Antonio Candido (2006), Jean-Paul Sartre (2005), Karl Marx (2013), Michel Foucault (1978) e (2011), Benedito Nunes (1995) e Hayden White (1994), contribuem com teorias e pensamentos que associam-se às críticas e conteúdos abordados em “A hora da Estrela”, as vertentes sociológicas abordadas refletem sobre as questões sociais que envolvem a discriminação, a luta de classes, e o apagamento social dos marginalizados, a busca dos excluídos da sociedade por seu “lugar no mundo”, reflete no sentido de se encontrar em meio às dificuldades e em uma sociedade marcada pela segregação. A cena teórica que constitui o corpo desse trabalho, aborda temas similares de cunho sociológico que contribuem para a melhor compreensão do papel de Clarice Lispector na tradição literária brasileira e sua ampla contribuição para o debate sobre as desigualdades sociais.

“A hora da Estrela”, reafirma sua relevância como uma obra atemporal, que, por meio da figura de Macabéa, dá voz aos silenciados e expõe as contradições de uma sociedade marcada pela exclusão e pela invisibilidade, colocando em pauta também, inúmeros debates e explorando múltiplos aspectos sobre as camadas sociais.

Este trabalho é estruturado em 3 capítulos, sendo eles, referencial teórico, metodologia e análise de dados, o método de abordagem consiste em leitura, seleção, análise e interpretação de fontes que incorporam a síntese de ideias, no primeiro capítulo do presente trabalho de pesquisa, apresenta-se o Referencial Teórico, onde mostra-se a base teórica da pesquisa, trazendo 5 tópicos que tratam sobre as pautas sociais estudadas e dissertadas sobre a obra, além dos pensamentos de teóricos que contextualizam sobre os estudos e análises da literatura e da sociedade, e sustentam a base crítica da referida pesquisa.

## CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1. RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E REALIDADE SOCIAL

Ao realizar-se um traçado entre os aspectos da literatura e toda a sua influência em meio ao debate sobre a realidade social, é necessário colocar em pauta determinados aspectos que reforçam este debate. Ao falar sobre sociedade, suas mazelas, desigualdades e outros determinados contextos realizando um traçado com a literatura, é necessária uma observação sobre como ocorre o diálogo entre as pautas sociais dentro do aspecto literário.

A partir das perspectivas e ideias de Candido (2006), investiga-se como a obra dialoga com as condições sociais do Brasil da década de 1970, especialmente no que se refere a migração nordestina para os grandes centros urbanos e a invisibilização dos sujeitos periféricos, a presente pesquisa apoia-se no estudo e análise histórica de acontecimentos políticos e sociais que influenciam na construção social do país. Nesse sentido, destaca o autor:

Quando a literatura se debruça sobre as camadas sociais marginalizadas, ela não apenas registra sua existência, mas também lhes confere um lugar dentro do imaginário coletivo. Através do romance, do conto, da poesia, indivíduos e grupos historicamente silenciados encontram uma forma de expressão que lhes é muitas vezes negada na vida social concreta. No entanto, essa representação não é isenta das tensões, pois pode tanto dar voz quanto reforçar estereótipos. A maneira como o escritor maneja a linguagem e estrutura a narrativa define o impacto que essa representação terá sobre o leitor e sobre a sociedade. (Candido, 2006, p. 48)

O referido trecho se faz essencial para compreender a visão de Candido (2006), sobre o contexto da literatura e o debate sobre a marginalidade. A literatura dentro desse contexto, mostra-se como importante ferramenta no debate sobre as mazelas sociais, marginalidade, e as demais questões relacionadas a desigualdade social, a literatura utiliza-se do imaginário e do ficcional para retratar o real, incorporando um amplo debate. Diante desse contexto, a literatura pode consolidar determinados discursos, tanto dando voz aos marginalizados, quanto reforçando estereótipos.

Desse modo, o autor reforça o discurso de que o debate e a crítica social em determinadas narrativas visam mostrar determinadas pautas sociais, variando de acordo com a forma de linguagem e a estrutura que cada escritor impõe em meio a sua escrita. Cada escritor possui sua maneira peculiar de escrita, e desse modo, traça debates e discursos sobre

determinadas pautas de forma diferente, o formato como a ideia é repassada para o leitor, define o pensamento crítico que o mesmo terá sobre determinado assunto.

A literatura pode ser vista como um reflexo das condições sociais, além de ter uma influência mútua entre obra e meio social. Para compreender como os aspectos da visão sociológica agem em meio a literatura, Candido explica que:

O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos. Em relação a grande número de fatos dessa natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável. (Candido, 2006, p. 28)

Com base nesse pensamento, compreende-se a visão sociológica como importante marcador do debate em que é inserida, Candido discorre sobre, afirmando que a sociologia possui um aspecto auxiliar, em que é usada não para compreender e sim para abrir o debate sobre diversas pautas sociais que são apresentadas no âmbito literário. Ao tratar-se de sociedade no campo literário, o debate desenvolve-se de acordo com a visão que a mensagem é repassada pelo autor.

Ao debater como a literatura trabalha com as mazelas sociais, a exclusão e os marginalizados, se faz necessário buscar um parâmetro sociológico que esteja ligado a determinadas pautas e que dessa forma possa explicar como essas questões se desenvolvem no enredo de determinada obra, e como os parâmetros sociológicos podem enriquecer determinados debates, caso contrário, segundo Candido, a vertente sociológica pode ser ineficaz, dependendo do contexto que se enquadra em meio a literatura.

A sociologia mostra-se como esclarecedora em meio a literatura, pois através dela se tem um auxílio e uma visão crítica sobre determinadas pautas que são colocadas nas narrativas, e que dessa forma, exigem de um auxílio para que se possa compreender criticamente as nuances da estrutura social e os debates então colocados.

A literatura de modo geral, também influencia e gera debate em meio a sociedade, Cândido dentro dessas concepções também afirma que:

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (Candido, 2006, p. 30)

Através dessa visão, compreende-se que a literatura produz efeito prático na sociedade ao expor as mazelas sociais e as desigualdades presentes no núcleo social, através da figura instigante de Macabéa e toda a sua construção pessoal e dramas sofridos dentro da história, o leitor se sensibiliza com a trajetória dela, incorporando muitas das vezes aspectos pessoais que refletem em meio a sua leitura.

A visão crítica sobre a sociedade incorporada à literatura molda determinadas concepções de mundo e abre espaço para amplos debates que trazem à tona uma estrutura social segregadora em inúmeras instâncias, costura social essa, que as minorias da sociedade, lidam constantemente buscando encaixar-se. A arte literária mostra-se não apenas como um deleite para os leitores, mas também como ferramenta eficaz para a denúncia, e acima de tudo, um espaço de voz para todos, tendo a função social não apenas de contar histórias mas sim de mostrar a visão de mundo, daqueles que não são ouvidos e nem vistos pela sociedade.

A literatura, através de seu papel comunicador, pode trabalhar com variados pontos de debate sociológico, dependendo da mensagem e o debate que se coloca através de determinada obra, como afirma Candido:

A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem às obras. Estas — de um ponto de vista sociológico — podem dividir-se em dois grupos, dando lugar ao que chamaríamos dois tipos de arte, sobretudo de literatura, e que sugiro para fixar as idéias em vista da discussão subsequente, não com o intuito de estabelecer uma distinção categórica: arte de agregação e arte de segregação. (Candido, 2006, p. 36)

Advindo do ponto de vista sociológico, é possível compreender as múltiplas vertentes da literatura. A literatura é um espaço amplo, tanto de expressão da arte através da escrita, como também um espaço de debate e crítica, a arte literária pode ser tanto agregadora como segregadora de acordo com a linha de pensamento de Candido. No caso da literatura brasileira que visa debater e criticar sobre a marginalidade e as demais mazelas sociais, podemos apontá-la como uma arte de segregação, pelo fato retratarem e criticarem as inúmeras formas de segregação social.

A arte da literatura é multifacetada e pode tanto denunciar a segregação social dando lugar de fala aos marginalizados, como também pode trazer contextos distintos que de certa forma podem atribuir estereótipos a determinadas situações, o debate social advém de como determinada obra é escrita e como seu conteúdo específico é mostrado aos seus leitores. A literatura é usada como importante ferramenta para dar voz a algo, e tudo depende da forma como é utilizado, seja agregando ou segregando classes. Literatura e sociedade ao andarem lado

a lado, constroem uma visão de mundo capaz de abordar determinadas pautas importantes e enriquecer o pensamento e a visão de crítica de toda uma sociedade.

## **1.2 A MÁQUINA DA POBREZA E A FUNÇÃO SOCIAL DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO DA MARGINALIDADE**

A marginalidade e a pobreza, sob a ótica de Marx (2013), não são desvios ocasionais do sistema e sim produtos estruturais de uma determinada dinâmica de acumulação de capital. Em sua obra “O Capital: Crítica da Economia Política”, Marx coloca em pauta que a desigualdade social nasce de relações de produção capitalistas, relações essas onde o trabalhador destituído dos meios de produção, torna-se dependente da venda de sua força de trabalho. Partindo desse princípio, a exclusão social, portanto, não é acidental e sim é o resultado necessário da lógica que orienta o capital.

Marx, dentro de sua vertente de pensamento, desenvolve uma análise profunda das estruturas econômicas do sistema capitalista, revelando desse modo, como este modelo de produção é responsável pela geração sistemática da marginalidade e da pobreza. Para o mesmo, essas determinadas condições não são meros efeitos colaterais ou desvios temporários do sistema, mas sim consequências estruturais e inerentes à lógica do capital.

Dentro desse contexto, a marginalidade, portanto, surge como uma condição necessária para a manutenção da ordem capitalista, onde uma parcela da população é constantemente empurrada para as franjas da sociedade, sem um acesso pleno aos meios de produção ou à dignidade econômica.

Nesse contexto, o empobrecimento da classe trabalhadora está dessa forma atrelado a própria expansão do capital. Desse modo (Marx, 2013, p. 778) afirma, “O acúmulo de riqueza num polo é, pois, ao mesmo tempo, acúmulo de miséria, de tormento do trabalho, de escravidão, de ignorância, de embrutecimento e de degradação moral no polo oposto, ou seja, no lado da classe que produz seu próprio produto como capital.”. Essa afirmação não apenas sintetiza o núcleo da crítica marxista, mas também revela que a desigualdade é funcional ao sistema.

A produção da riqueza capitalista se alimenta da manutenção e da exclusão. Não se trata, portanto, de falhas do sistema, mas de sua engrenagem essencial, dessa forma, compreende-se que a sociedade capitalista só funciona se houver aqueles que fazem as suas engrenagens funcionarem, ou seja, os marginalizados.

Outro aspecto relevante na análise de Marx é a formação do que ele chama de “exército industrial de reserva”, isto é, uma massa de trabalhadores sempre disponíveis e descartáveis,

mantidos a margem do pleno emprego, como forma de pressão para reduzir salários e disciplinar os que estão ocupados. Com isso, Marx afirma:

A lei da acumulação capitalista, estranha sob sua aparência, nada mais é do que a expressão do fato de que, quanto maior é a riqueza social, o capital em funcionamento, a extensão e a energia de seu crescimento, e, portanto, também a massa absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, maior é o exército industrial de reserva. [...] Quanto maior este exército de reserva em relação ao exército de trabalho ativo, tanto maior é a massa da superpopulação estagnada, cuja miséria oficial, tanto maior é o pauperismo. Esta é a lei absoluta e geral da acumulação capitalista. (Marx, 2013, p. 771)

Essa formulação amplia o entendimento da marginalidade como algo que vai além do desemprego, trata-se de uma condição estrutural e permanente, na qual o sistema se apoia para manter sua lógica de reprodução. É nesse contexto que a literatura se apresenta como ferramenta poderosa de denúncia, representação e reflexão crítica. A arte literária, ao tematizar a marginalidade, atua na contramão da naturalização da miséria e da desigualdade.

Através da narrativa, o texto literário recupera a condição humana dos sujeitos inviabilizados, dando corpo, voz e subjetividade aqueles que o capital transforma em estatística ou “mercadoria miserável”, como define Marx:

O trabalhador não é apenas uma mercadoria, mas a mercadoria mais miserável de todas, pois está privado de qualquer conteúdo, de qualquer valor que lhe seja próprio. O valor de sua força de trabalho é constantemente pressionado para baixo pelas necessidades do capital (Marx, 2013, p. 614)

A literatura, então, intervém onde o sistema silencia. Ela não apenas representa o sofrimento dos marginalizados, mas revela os mecanismos simbólicos e estruturais que sustentam sua condição. Através de personagens pobres, marginalizados ou excluídos do sistema produtivo, a obra literária pode demonstrar o discurso dominante e expor as raízes da opressão. Ao apresentar a pobreza como experiência concreta, com afetos, angústias e desejos, a literatura então busca re-humanizar aquilo que o capital e a estrutura social desumanizam.

Essa crítica simbólica dialoga diretamente com o conceito de fetichismo de mercadoria, exposto por Marx como uma das formas mais perversas de alienação, Marx afirma:

O caráter fetichista do mundo das mercadorias [...] provém do fato de que a relação social entre os próprios homens assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas [...] isso ocorre porque o produto do trabalho as converte em mercadoria e, portanto, em algo que possui um valor social autônomo, separado do sujeito que o produziu (Marx, 2013, p. 155 – 156).

O fetichismo oculta as origens sociais da pobreza transformando relações de exploração em atributos naturais ou meritocráticos. A literatura crítica rompe com esse véu ideológico ao nomear a opressão, expor as estruturas que sustentam a desigualdade e colocar o leitor diante de realidades que o discurso dominante insiste em ocultar.

Desse modo, Marx não apenas fornece as ferramentas teóricas para entender a origem da marginalidade, mas também inspira a leitura da arte como instrumento de resistência e crítica social. A miséria, longe de ser um “erro” do capitalismo, é um de seus pilares. E a literatura, ao trazer esse tema à tona, cumpre um papel fundamental na denúncia das injustiças e na construção de uma consciência social mais ampla.

### **1.3. ENTRE NÁUSEAS E ESTRELAS: A MARGINALIDADE E A POBREZA REPRESENTADAS NA LITERATURA**

A literatura reflete as complexidades da vida humana e as estruturas sociais que moldam nossas experiências. Neste contexto, as obras "A Náusea" Sartre (2005), e "O Capital" Marx (2013), em diálogo com “A hora da Estrela” de Clarice Lispector (1977), revelam como a marginalidade e a pobreza permeiam as experiências de seus personagens.

Embora cada obra tenha seu foco e estilo e cada personagem tenha uma construção individual de sua história, todas exploram a alienação e a luta pela sobrevivência em um mundo desigual, onde a desumanização e o apagamento social desses marginalizados tornou-se algo comum, e eles colocam-se em uma luta interna constante buscando sentido para sua existência.

Sartre, em "A Náusea", destaca a crise existencial de Antoine Roquentin, um personagem que se vê imerso em uma profunda desconexão com o mundo à sua volta. Ao longo da narrativa, Roquentin se sente como um espectador em um cenário teatral, onde as pessoas ao seu redor vivem sem propósito ou significado. Ele reflete (Sartre, 2005, p.22): “Estava em uma cidade que me parecia um cenário de teatro, onde as pessoas se moviam sem significado”. Essa alienação não é meramente uma condição individual, mas um reflexo da marginalidade que muitos enfrentam em suas vidas cotidianas, onde a busca por significado se torna uma luta constante.

O desejo de Roquentin de que "o mundo se torne mais humano", ecoa a busca de muitos que vivem à margem da sociedade, ansiando por um sentido em meio à indiferença e à desumanização, pessoas que são excluídas e vistas como a escória da sociedade, mas que

possuem consigo o sentimento de um dia serem vistas e finalmente olhadas com um olhar mais humano e de igualdade por aqueles que hoje às excluem.

A desconexão de Roquentin é também um indicativo da alienação que permeia a experiência humana sob as estruturas sociais capitalistas. O protagonista, ao se confrontar com a banalidade da vida e a falta de autenticidade nas relações sociais, se vê forçado a questionar sua própria existência. A figura do desconectado que ele representa na obra, exerce uma dura crítica, e nos leva a refletir sobre todas as questões políticas e sociais que levam o indivíduo a essa desconexão com a sociedade.

A sensação de náusea que o consome é uma manifestação de sua repulsa por um mundo que não reconhece sua individualidade e sua busca por significado. Através da trajetória do protagonista da obra Sartre reflete:

Acendo o candeeiro que está em cima da mesa: talvez a sua luz possa sobrepor-se à do dia. Não pode: o candeeiro mal consegue formar, à roda da base, uma poça desprezível. Apago; levanto-me. Na parede há um buraco branco, o espelho. É uma ratoeira. Sei que vou lá cair. Já está. A coisa cinzenta acaba de surgir no espelho. Aproximo-me e olho para ela; já não posso desviar-me. É o reflexo da minha cara. Muitas vezes, nestes dias, perdidos, fico a contemplá-lo. Não percebo nada desta cara. As dos outros têm um sentido. A minha, não. Nem posso decidir se é bonita ou feia. Acho que é feia, porque mo disseram. Mas não é propriedade que me salte à vista. (Sartre, 2005, p. 24)

Esse trecho reflete o sentimento de insignificância que o protagonista expressa reconhecendo sua exclusão em meio ao mundo, onde o sentido de sua existência não pode ser compreendido nem por ele e nem pelos outros. Desse modo, Sartre traz a reflexão sobre a existência humana, e como os apagados da sociedade buscam respostas para compreender seu vazio existencial e sua exclusão em meio ao mundo.

Sartre utiliza de uma linguagem ambígua para expressar os pensamentos de seu personagem, desse modo, o protagonista expressa que:

Estou sozinho no meio desta? vozes alegres e razoáveis. Todos estes fulanos passam o seu tempo a explicar-se uns aos outros, a reconhecer com contentamento que são da mesma opinião. Que importância que ligam, meu Deus, ao facto de pensarem todos juntos as mesmas coisas. Basta ver a cara que fazem quando passa pelo meio deles um desses homens com olhos de paigo, que parece que andam a olhar para dentro, e com quem, de forma nenhuma, se pode chegar a acordo. (Sartre, 2005, p. 17)

O protagonista busca compreender sua solidão e singularidade em meio a sociedade, ele, dentro das nuances de seus pensamentos, reflete sobre as ações, falas e atitudes das pessoas ao seu redor e busca compreender como a sociedade e aqueles que nela estão inseridos fazem a engrenagem social funcionar.

Através desses pensamentos o mesmo busca a compreensão do porque agem de forma tão plural e monótona, e desse modo ele compreende sua singularidade de pensamentos e seu desencaixe em meio ao núcleo social, ao realizarmos um grau de comparação, observa-se que a protagonista de Clarice também mergulha-se em muitas dúvidas e pensamentos não compreendidos sobre o porque da sociedade e das pessoas que ela compõem, serem do jeito que são, ambos personagens buscam respostas e sentido para tudo o que os cercam, justamente por não compreenderem ou não se encaixarem de fato nesse sistema social.

O autor utiliza de uma linguagem peculiar, para expressar mensagens e dar voz a Roquentim, fazendo com que ele verbalize seus sentimentos, angústias e repressões, tanto Sartre como Lispector mostram-se categóricos em usar da subjetividade de seus personagens em uma linguagem ambígua, expressando a solidão dos mesmo e criticando a disparidade social do mundo.

Como Sartre enfatiza, "o homem está condenado a ser livre", e essa liberdade, ao mesmo tempo que é um presente, se torna um fardo quando o indivíduo se dá conta da sua solidão e da falta de conexão com os outros, essa liberdade de alguma forma acaba tornando-se limitada, visto que ele se encontra sem alguém para compartilhar suas vivências. Sartre expressa:

Talvez seja impossível cada um compreender a sua própria cara. Ou tudo vem talvez de que sou um homem sozinho... As pessoas que vivem em sociedade aprenderam a ver-se, nos espelhos, tal como aparecem aos seus amigos. Eu não tenho amigos: será por isso que a minha carne é tão nua? Dir-se-ia -sim, dir-se-ia a natureza sem os homens. Perdi o gosto pelo trabalho; já não posso fazer nada, senão esperar a noite. Cinco e meia, isto está mal, muito mau: cá está ela, a porcaria da Náusea. E, desta vez, é diferente: deu-me num café. Os cafés eram até aqui o meu único refúgio, porque estão sempre cheios de gente e bem iluminados: já nem isso me resta; quando estiver encurralado no meu quarto, já não terei para onde ir. (Sartre, 2005, p. 27)

Compreende-se que Sartre retrata a solidão dentro da obra como uma verdadeira náusea, a náusea de estar sozinho e buscar um sentido em meio a própria solidão. Partindo desse contexto, compreende-se que o marginalizado ou excluído, vive no constante dilema, o dilema de compreender como a dinâmica social ao seu redor funciona, e como lidar e compreender seu isolamento em meio a sociedade.

Sartre expressa através de seu protagonista, uma visão de mundo que escancara os constantes desafios por um lugar de pertencimento, por um lugar para reconhecer-se como parte do mundo entender sua própria existência. Sartre faz essa abordagem utilizando uma linguagem muito subjetiva, trazendo todas as nuances da natureza humana, a exemplo do que Lispector utiliza e constrói em sua personagem Macabéa.

Dentro desse contexto, Sartre nos leva a refletir sobre essa conexão entre liberdade e solidão, e os limites entre elas, a obra reflete a que ponto o indivíduo pode ser tão livre em seu mundo individual, livre das amarras dos preceitos da sociedade ao ponto de que, dessa forma, acaba por perder-se também em sua própria solidão.

Por outro lado, Marx, em "O Capital: Crítica da Economia Política", analisa as contradições do capitalismo e a desumanização do trabalhador. A afirmação de (Marx, 2013, p. 78) de que: "o trabalhador se torna uma mercadoria", é central para entender como a pobreza se estabelece não apenas como uma condição econômica, mas também como uma experiência existencial. Dessa forma (Marx, 2013, p. 140) argumenta que "a riqueza dos indivíduos se torna, assim, a miséria dos outros", uma perspectiva que se alinha com a vida de Macabéa em "'A hora da Estrela'".

Macabéa, uma jovem nordestina que vive em condições precárias, é constantemente invisibilizada pela sociedade e sua luta pela dignidade reflete a crítica marxista à exploração e à desumanização, pois Macabéa enfrenta a cada dia, as dificuldades de viver em uma sociedade que a explora de todas as formas, seja fisicamente com o exaustivo trabalho, ou psicologicamente, inculcando a esta uma resiliência quanto a sua própria sorte.

Lispector, ao retratar a vida de Macabéa, revela a solidão e a alienação dessa personagem, que, assim como Roquentin, não se sente reconhecida. Macabéa é uma representação da pobreza que não se limita ao aspecto material, mas que se estende à sua dimensão emocional e espiritual. A vida dela é descrita como um "lugar sem luz", refletindo as condições precárias e sub-humanas que a cercam, além de sua busca por um sentido de pertencimento em um mundo que a nega. Essa busca por pertencimento permeia a história de ambos os personagens, que buscam seu lugar no mundo e serem compreendidos e ouvidos pela sociedade, essa busca por pertencimento reflete na condição do existir e de se encaixar nas estruturas sociais.

As três obras, ao abordarem a marginalidade e a pobreza, oferecem uma visão crítica das estruturas sociais que perpetuam a exclusão. Sartre nos mostra a angústia existencial, Marx analisa a exploração capitalista, e Lispector, dentro de sua linguagem intimista, apresenta a luta de uma mulher pela dignidade. A intersecção dessas narrativas revela a complexidade da condição humana diante das adversidades sociais, mostrando que a marginalidade não é apenas um estado, mas uma experiência que afeta profundamente a identidade e o sentido de vida dos indivíduos, levando-os a uma condição de subalternidade. Essa necessidade de moldar suas

vidas de acordo com as exigências externas é um tema recorrente que permeia a experiência dos personagens.

Ademais, a marginalidade, conforme discutida nas obras, também se configura como um espaço de resistência. Macabéa, apesar de sua pobreza e solidão, busca uma forma de existir em um mundo que a ignora e a exclui de inúmeras formas. Sua luta pela identidade e pelo reconhecimento se torna um ato de rebeldia, semelhante ao desejo de Roquentin de encontrar sentido em sua vida.

A frase (Sartre, 2005, p. 102) "Eu sou a minha própria liberdade", ressoa com a luta de Macabéa por afirmar sua existência, mostrando que a resistência é possível mesmo nas condições mais adversas.

Por fim, a análise conjunta das três obras revela uma profunda interconexão entre marginalidade, pobreza e a busca por significado. As experiências de seus personagens nos convidam a uma forte reflexão sobre a condição humana em um mundo desigual, onde a luta pela sobrevivência transcende as barreiras econômicas e se transforma em uma busca incessante por reconhecimento e dignidade. Essa reflexão é crucial, especialmente ao confrontarmos as realidades da marginalização e da pobreza em nossa sociedade contemporânea.

#### **1.4. MARGINALIZAÇÃO E DESIGUALDADE EM A “HORA DA ESTRELA”: REFLEXÕES SOBRE A FUNÇÃO CRÍTICA DA LITERATURA.**

Em “A hora da Estrela”, Lispector oferece uma representação incisiva da marginalidade e da pobreza, explorando a vida de Macabéa e demais personagens que vivem à margem da sociedade. Através da narrativa, a autora revela as condições opressivas e desumanizantes enfrentadas pelos personagens marginalizados, proporcionando uma reflexão crítica sobre as injustiças sociais e as estruturas que perpetuam a desigualdade, a literatura nesse contexto, atua como um espelho crítico que expõe as realidades da pobreza e da marginalidade, através do viés literário é possível compreender diversas questões relacionadas ao lugar dessas pessoas em meio a sociedade.

Candido (2006) em sua obra “Literatura e Sociedade”, com relação a literatura, cita:

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. Esta função é aparentemente menos acentuada

na literatura oral, que parece limitar-se ao âmbito restrito dos grupos em que atua e que a produziram. (Candido, 2006, p.54)

Partindo desse viés, compreende-se que a literatura exerce função essencial em meio a sociedade, e sua importância é definida com base em seu estilo, a forma com que repassa determinadas mensagens e todo o impacto e proximidade que essa literatura gera no seu público. A literatura utilizada por Lispector, tem por função essencial trazer o leitor para uma análise intrínseca, onde ele se analisa internamente, compreendendo aspectos e nuances de sua própria natureza e refletindo sobre as mesmas.

Em “A hora da Estrela”, Lispector utiliza esta narrativa para expor a falta de oportunidades e a desumanização que a protagonista sofre. A obra busca destacar a invisibilidade e o descaso que permeiam a existência de Macabéa, revelando a brutalidade das condições que ela enfrenta e provocando uma reflexão crítica sobre a sociedade que compactua com essas injustiças.

Além da protagonista, outros personagens da obra ajudam a ilustrar diferentes aspectos da marginalidade e da desigualdade. O personagem Olímpico de Jesus, por exemplo, representa a ambição e o egoísmo, contrastando com a simplicidade e a resignação de Macabéa. Olímpico, apesar de sua aparente ascensão social, manipula e explora os menos favorecidos, evidenciando a crueldade e a indiferença que podem marcar as relações sociais.

Dessa forma, (Candido, 2006, p.79) destaca que, “A literatura pode evidenciar como as relações sociais muitas vezes são marcadas pela exploração e pela injustiça”. A relação de Olímpico com a personagem é um reflexo das desigualdades e do desprezo que acompanham a ascensão social à custa dos mais vulneráveis, evidenciando a crítica social presente na obra. Olímpico se constitui dentro da narrativa como alguém que usa da manipulação como uma ferramenta de sobrevivência.

A senhora Lúcia, por sua vez, representa a apatia e o conformismo da sociedade em relação aos marginalizados. Sua indiferença em relação à condição de Macabéa reflete a falta de empatia e a aceitação passiva das desigualdades sociais, essa personagem reflete como a sociedade lida com os marginalizados e como a exclusão e o apagamento social acontecem, os marginalizados são vistos apenas como meras ferramentas de trabalho que tem o objetivo de servir uma determinada elite, sendo assim, suas vozes são silenciadas e seu lugar de fala retirado.

A presença de personagens como a senhora Lúcia, ilustra como a literatura pode expor as atitudes que perpetuam a desigualdade, contribuindo para uma crítica das normas e práticas sociais que ignoram a humanidade dos marginalizados, através da representação dessas figuras

e de suas interações. A “Hora da Estrela”, não apenas documenta as dificuldades enfrentadas pelos marginalizados, mas também provoca uma reflexão sobre as estruturas sociais que mantêm essas desigualdades. Com relação a isso Candido afirma que:

Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação. Mas quase sempre, tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. (Candido, 2006, p. 56)

Desse modo, o debate crítico social em determinada literatura depende da forma como é apresentada e como chega aos leitores, seu caráter crítico depende de como se insere no caráter cultural e social, e como os diálogos acontecem em decorrência de sua natureza. No caso de “*A hora da Estrela*”, a obra estende o debate sobre a marginalidade social trazendo à tona inúmeros fatores, através da ótica e do comportamento não só de Macabéa, mas de outros personagens da trama.

A narrativa de Lispector desafia os leitores a reconsiderarem suas percepções e a questionarem as normas que reforçam a exclusão e a injustiça. Candido observa que:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (Candido, 2006, p. 84)

Ao criar esta conexão com a obra, o leitor molda sua percepção crítica e passa a compreender melhor o debate proposto por Lispector, ao se debruçar na história o leitor liga-se diretamente com Macabéa compreendendo as nuances de sua personalidade. A literatura dentro desse contexto, mostra-se como a ponte de ligação entre esses dois meios, unindo personagem e leitor, através dessa união que Lispector proporciona, a obra ganha múltiplos olhares e interpretações sobre a realidade da personagem.

A obra mostra inúmeras vertentes sobre como a marginalidade permeia a vida de Macabéa e principalmente suas relações, ela é vista com um olhar de desprezo ou pena por aqueles que a cercam, isso evidencia o caráter excludente da sociedade. Macabéa é marginalizada até mesmo por aqueles que vivem em condição semelhante a dela, como é o caso de Olímpico. Nesta passagem observa-se o diálogo que evidencia essa situação:

Ela achava olímpico muito sabedor das coisas. Ele dizia o que ela nunca tinha ouvido. Uma vez ele falou assim:

- A cara é mais importante do que o corpo porque a cara mostra o que a pessoa está sentindo. Você tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecia cara triste, vê se muda - e disse uma palavra difícil – ve se muda de “expressão”.

-Ela disse consternada:

- Não sei como faz outra cara. Mas é só na cara que sou triste porque por dentro eu sou até alegre. É tão bom viver, não é?

- Claro! Mas viver bem é coisa de privilegiado. Eu sou um e você me vê magro e pequeno, mas sou forte, eu com um braço posso levantar você do chão. Quer ver? livro (Lispector,1998, p.46).

Observa-se que olímpico sempre se coloca em uma posição de superioridade em relação a Macabéa, tratando-a com rispidez e desprezo, mesmo estando em posição semelhante a ela na camada social. Isso evidencia a condição de marginalizada que Macabéa é colocada até mesmo por aqueles que pertence ao seu mesmo núcleo social. Ao contrário da protagonista, Olímpico é um personagem que apesar de sua condição, utiliza de suas artimanhas para sobreviver, ele demonstra frieza na forma de ver e lidar com o mundo, frieza essa que se contrapõe totalmente a sensibilidade e a inocência de Macabéa.

A obra, portanto, atua como um meio de conscientização, oferecendo uma nova perspectiva sobre as condições dos marginalizados e incentivando uma maior compreensão e crítica das injustiças sociais, entender sobre a condição de marginalização é possibilitar um lugar de fala aos silenciados pela sociedade, e compreender as demais estruturas sociais. Através do desenvolvimento de cada uma das personagens, e a proximidade e conexão deles com os leitores, a análise da obra torna-se rica e detalhada, explorando de forma concisa a linguagem multifacetada da escrita de Lispector.

Em suma, “A hora da Estrela”, utiliza a literatura como uma ferramenta para refletir e criticar a realidade da marginalidade e da pobreza, explorando a complexidade das condições sociais e a desumanização dos marginalizados. Através da representação de personagens como Macabéa, Olímpico e a senhora Lúcia, a autora oferece uma visão crítica das desigualdades sociais e das atitudes que perpetuam a exclusão, alinhando-se com a ideia de que a literatura pode promover uma reavaliação das normas sociais e incentivar a reflexão sobre a justiça e a humanidade, podendo assim trabalhar a reflexão sobre as mazelas sociais e também a importância de compreender as múltiplas vozes que buscam contar suas histórias e reivindicar seu lugar no mundo.

## 1.5. MARGENS DO DISCURSO: PODER E POBREZA EM DEBATE

A análise da marginalização e da pobreza na presente narrativa, ““A hora da Estrela””, de Clarice Lispector revela uma profunda interseção entre as estruturas sociais de poder e a exclusão das figuras mais vulneráveis da sociedade. As teorias de Michel Foucault, oferecem um quadro conceitual para entender como o discurso e o conhecimento são utilizados para controlar e marginalizar certos grupos.

Em sua obra “ A Ordem do Discurso” Foucault (2011), argumenta que o discurso não é apenas uma forma de comunicação, mas também um instrumento de poder que define e delimita o que é considerado verdade e quem possui o direito de falar, o discurso é instrumento capaz de moldar pensamentos e comportamentos, e assim, comandar sociedades inteiras. Com relação a isso (Foucault, 2011, p.29) afirma que “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e a sustentam”. Dentro dessa vertente, compreende-se que o poder manipula o discurso e dá a quem usa desse determinado discurso, a possibilidade de definir e produzir a verdade de acordo com seus interesses e pensamentos.

No contexto da obra, o discurso dominante na sociedade, marginaliza figuras como Macabéa, definindo-as como insignificantes e invisíveis. Em “História da Loucura”, explora-se como a sociedade ocidental tratou a loucura ao longo dos séculos, isolando e marginalizando aqueles considerados loucos. Dentro dessa vertente, Foucault afirma que:

É o tatear desajeitado na direção de uma definição da loucura que toda uma sociedade procura novamente exorcizar, na época em que seus velhos companheiros — pobreza, libertinagem, doença — recaíram no domínio privado. Num espaço social inteiramente reestruturado, a loucura deve encontrar um lugar. (Foucault, 1978, p. 467)

A loucura sempre foi vista como algo a ser exorcizado, por uma sociedade que sempre caminhava para uma vertente que enxergava os loucos como aqueles que a sociedade deveria segreguar. Embora Macabéa não seja explicitamente louca, ela representa um tipo de desrazão na sociedade moderna, a pobreza extrema, a falta de educação e a alienação completa. Foucault também afirma que:

A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. Aquela integra-se nesta, constituindo seja uma de suas forças secretas, seja um dos momentos de sua manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma. De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão. (Foucault, 1978, p. 46)

Partindo dessa vertente, compreende-se que loucura é marginalizada e vista como uma desrazão, o fato de um alguém ser singular, diferente ou não se encaixar em determinado espaço, é visto como um deslocado em meio a uma sociedade que segrega e culpabiliza aquilo que é diferente e não se encaixa em determinados padrões.

A descaracterização de Macabéa pode ser vista como uma forma de exclusão, similar àquela dos loucos na história que Foucault descreve. A sociedade a isola e a invisibiliza, não por sua loucura, mas por sua extrema pobreza e falta de capacidade de se adaptar as expectativas sociais e econômicas. Destaca-se também como os marginalizados são censurados de suas falas, proibidos de se expressar e falar em meio a uma sociedade excludente que os silencia. Em “A Ordem do Discurso”, Foucault observa que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. o mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (Foucault, 2011, p. 9)

Dentro desse pensamento de Foucault, compreende-se que os excluídos são também impedidos de expressar suas visões de mundo e pensamentos, vistos como seres sem opinião, passivos das palavras e decisões daqueles que estão em escalas sociais acima. Essa passividade coloca em pauta como a marginalidade está presente em inúmeras campos da sociedade, o silenciamento é uma das características mais fortes da marginalização e de uma estrutura social enraizada desde os primórdios da sociedade.

A vida da protagonista é um testemunho da apropriação e controle do corpo pelos sistemas de poder. Seu corpo, malnutrido e desvalorizado, reflete sua posição social marginalizada. O trabalho insalubre e mal remunerado que ela realiza é uma forma de exploração de seu corpo e de sua força de trabalho, lembrando a análise foucaultiana do corpo como objeto de controle e dominação. A sua saúde deteriorada, a falta de acesso a cuidados médicos, e sua morte trágica e prematura são manifestações extremas dessa apropriação de seu corpo pelo sistema socioeconômico que a oprime.

A leitura da obra a luz das teorias aqui expostas revela como o discurso de poder e a marginalização estão interligados na narrativa de Lispector. A marginalização da protagonista não é apenas uma questão de pobreza material, mas também de exclusão discursiva e corporal, conforme descrito por Foucault. A obra, assim, não só expõe a pobreza e a marginalidade, mas também convida a uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que perpetuam essas

condições. Ao analisar as condições de vida da protagonista através da lente foucaultiana, pode-se compreender melhor as complexidades das desigualdades sociais e a forma como elas são mantidas e reforçadas pelo discurso dominante na sociedade.

## **CAPÍTULO II: METODOLOGIA**

### **2.1. ANÁLISE QUALITATIVA DA PESQUISA**

O referido capítulo apresenta a metodologia que embasa a presente pesquisa, focando na análise qualitativa da obra, “A hora da Estrela”, o objetivo desse estudo explora as questões de marginalidade e pobreza que permeiam a narrativa, examinando construções sociais e subjetivas que afetam de inúmeras formas a vida da protagonista. Para isso, a referida pesquisa utiliza de um enfoque interdisciplinar que incorpora teorias literárias, sociológicas e filosóficas, servindo como uma matriz que permitirá uma análise mais aprofundada e crítica.

Desse modo torna-se possível compreender as múltiplas questões sociais que envolvem a vida de Macabéa, e como isso constitui sua personalidade. A escolha do tema da referida pesquisa fundamenta-se no interesse de explorar e analisar as condições sociais dos excluídos da sociedade e enxergar através de um viés sociológico e filosófico, como a marginalização permeia a nossa realidade desde os primórdios, visto que os desafios da pobreza e da desigualdade social estão enraizados na estrutura social do país.

Essa exclusão e marginalização se atribui a outros fatores também, como desigualdade de classe, xenofobia, segregação de classes, entre outros, sendo assim, faz-se necessário entender como Lispector usa da personagem Macabéa para criticar as mazelas sociais, e dar voz a classe dos marginalizados e excluídos, utilizando a figura de sua protagonista como um símbolo denunciativo, mas também de resistência.

A referida pesquisa é construída com base nos estudos e análises de obras como, “Literatura e Sociedade” Candido (2006); “O Capital: crítica da economia política” Marx (2013); “A Náusea” Sartre (2005); “A História da Loucura na Idade Clássica” Foucault (1978); “A Ordem do Discurso” Foucault (2011); “O Drama da Linguagem: Uma leitura sobre Clarice Lispector” Nunes (1995) e “Trópicos do Discurso” White (1994).

O trabalho busca aprofundar-se nas questões sociais que permeiam a história da protagonista e de outros personagens que são influenciados pelas consequências da marginalidade, o procedimento de pesquisa é de cunho bibliográfico, e se fundamenta na seleção, leitura, análise e pesquisa de obras que busquem fundamentar as questões críticas relacionadas a sociedade, além também da organização de fontes de informação que fundamentam o estudo.

Esse procedimento de pesquisa inclui a definição do tema, a identificação das fontes, a leitura aprofundada dos materiais e a análise crítica dos referidos resultados. Alguns conceitos sociológicos fundamentam-se nessa pesquisa para que se possa compreender e aprimorar a visão crítica sobre determinados temas, a marginalidade, enquanto categoria social e literária, não pode ser analisada de uma forma isolada. Na obra “Literatura e Sociedade” aponta Candido:

A literatura é um sistema de forças sociais em movimento, que reflete e refrata a realidade, ao mesmo tempo em que participa da formação da consciência social. Isso significa que, longe de ser um reflexo passivo da sociedade, a literatura contribui ativamente para a constituição das formas de pensamento e das estruturas de sentimento que caracterizam uma época. Assim, a obra literária não é apenas um espelho que reproduz a realidade, mas um instrumento que transforma, pois, ao recriar a vida pela linguagem, também confere novos significados a experiências já dadas. (Candido, 2006, p.22)

Essa perspectiva se torna central na análise de “A hora da Estrela”, uma vez que a construção da protagonista ultrapassa o mero retrato de uma jovem nordestina pobre e evidencia o papel primordial da literatura na problematização de questões sociais, como a exclusão e a desigualdade.

Partindo desse preceito a pesquisa analisa a obra em um todo, aprofundando-se também em análises discursivas sobre a narrativa, com base nisso, Candido também afirma que:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. (Candido, 2006, p.85)

Dessa forma, a presente metodologia objetifica uma análise concisa também sobre a forma como a autora constrói a narrativa e estabelece sua conexão com o público, através de seu caráter estilístico e seu modo de escrita, a presente pesquisa analisa a ponte entre Lispector e seu público, e a receptividade dos mesmos para com as nuances de escrita e o modo subjetivo e poético da autora de repassar mensagens e explorar a criticidade em determinados temas da obra, o processo metodológico da pesquisa se discorre sobre um detalhe analítico geral da obra e todas suas nuances.

A forma como Lispector estrutura sua narrativa, ao mesmo tempo subjetiva e fragmentada, demonstra como o discurso literário reorganiza a percepção do real, a história retratada por Lispector evidencia as mazelas de uma sociedade excludente, e como as pessoas em condição de vida como a de Macabéa, travam uma luta constante para serem vistos. A autora utiliza Macabéa para denunciar e criticar severamente as estruturas sociais segregadoras, ampliando seu debate para muito além do literário, e sim incorporando o caráter crítico.

Desse modo, a literatura objetifica dar voz aos silenciados, nos permitindo conhecer e entender a perspectiva daqueles a quem a sociedade não enxerga. Nesse sentido, a análise aqui proposta se alinha a outras inúmeras concepções filosóficas e sociológicas analisadas e discutidas também por White (1994) em “Trópicos do Discurso”, que argumenta que a escrita histórica e literária compartilha estruturas narrativas que dão sentido a experiência, White afirma que:

Toda narrativa é uma estrutura de significados que impõe coerência ao caos da realidade. O historiador, como o romancista, seleciona eventos, os ordena e os apresenta de uma maneira que torna o passado inteligível. A questão não é apenas o que é dito, mas como é dito, pois a forma da narrativa influencia a interpretação dos fatos. Assim, não há história sem forma, e a forma carrega consigo valores e ideologias. (White, 1994, p.29)

Dessa forma, a metodologia considera a narrativa de Lispector não apenas como uma representação da realidade social, mas como uma construção discursiva que confere novos sentidos a experiência da pobreza e da marginalidade. A escolha de uma protagonista desprovida de voz e identidade socialmente reconhecida, aliada a presença de um narrador que frequentemente intervém na história, reforça a noção de que a literatura não apenas reflete o mundo, mas também participa ativamente da sua interpretação e ressignificação.

A metodologia adotada para a análise da obra de Lispector também parte de um olhar hermenêutico no sentido de analisar minuciosamente toda a riqueza de detalhes da narrativa, e

dessa forma, buscar interpretar o texto literário considerando sua inserção em um contexto sociocultural mais amplo. Para que se tenha o melhor entendimento de como o estudo e pesquisa desse trabalho se construiu é necessário compreender as etapas primordiais então realizadas.

## **2.2. AS ETAPAS DA PESQUISA**

### **2.2.1. PRIMEIRA ETAPA**

A primeira consistiu-se na leitura atenta da obra, destacando os trechos que evidenciam a condição de marginalidade de Macabéa, seja por meio da descrição de seu cotidiano, dia a dia de trabalho, sua alimentação, seu “relacionamento” com Olímpico, suas amizades, das falas de personagens secundários ou intervenções do narrador, esse conjunto de fatores dentro da obra, ao serem analisados, demandam melhor compreensão sobre o objeto de estudo da presente pesquisa.

Em seguida, os referidos trechos foram analisados de acordo com variados conceitos teóricos, buscando estabelecer um diálogo entre o texto literário e todas as atitudes sociais que ele representa, objetivando realizar um traçado de ideias que contextualizem através de uma visão crítica, como as mazelas sociais, os preconceitos e as principais características da marginalidade se fazem presentes no contexto da obra.

Dentro dessa primeira etapa, se constituiu o processo de leitura e fichamento da obra, analisando e anotando pontos importantes a serem explorados e dissertados em meio a esta pesquisa, mantendo como enfoque não apenas a literatura em si, mas todas as pautas e críticas sociais abordadas, essa etapa estende-se por meio da análise concisa dos principais pontos da obra em debate.

A análise da obra não se limita apenas as questões literárias e sociais exploradas na mesma, mas sim toda a construção narrativa, o estilo e modo como Lispector atribuiu e inseriu sua visão autocrítica na escrita.

### **2.2.2. SEGUNDA ETAPA**

A segunda etapa se consolidou na pesquisa, leitura e análise de obras e teóricos que pudessem embasar e consolidar com pensamentos e ideias, o debate crítico relacionado a pobreza e marginalidade em meio a obra. Durante esse referido processo, foram realizadas

pesquisas e leituras de obras que estivessem associadas ao assunto, desse modo, a pesquisa embasou-se nas teorias de autores do âmbito da sociologia e filosofia e da análise discursiva que enriqueceram criticamente a pesquisa.

Teóricos como Cândido (2006), Marx (2013), Foucault (1978) e (2011), Sartre (2005) e White (1994), foram essenciais para a construção do referencial teórico da pesquisa, trazendo análises concisas que construíram o debate crítico com informações e teorias que tratam da marginalidade e da pobreza na sociedade desde as raízes, trazendo não apenas contextos sociais, mas ligando-os também as teorias literárias.

Com base nos referidos teóricos e suas ideias, foram construídas análises pautadas nas questões sociais de modo geral e do lugar dos marginalizados na escala social, na maneira como a literatura age como ferramenta crítica e reflexiva, e nas características e nuances das personagens que constroem e incorporam a construção social e crítica pautada na narrativa.

Essa etapa se deu pela leitura apurada das obras dos teóricos citados, fichamentos e anotações sobre os principais pontos abordados nas obras e contextualização das teorias com os aspectos da obra. A construção teórica do trabalho se deu pelo traçado das vertentes literárias, sociológicas e filosóficas, e como elas dialogam dentro da obra, construindo um debate que explora a linguagem e o estilo multifacetado da obra.

### **2.2.3 TERCEIRA ETAPA**

A terceira etapa metodológica da pesquisa, consiste em analisar os dados e resultados então pesquisados, realizando um aparato geral sobre as temáticas apresentadas e analisadas em meio a pesquisa, analisar desse modo as teorias gesticuladas na pesquisa e os resultados apresentados durante as análises da obra de Clarice Lispector, assim como seu estilo literário e as demais obras e teóricos que culminaram para o andamento da pesquisa.

A referida etapa objetifica uma análise concisa de como, e quais aspectos da marginalidade e da pobreza foram encontrados e debatidos em meio a pesquisa, apresentando de modo geral, tudo que foi pesquisado, fichado e analisado em meio ao trabalho. A etapa de análise de dados, se constrói através das perspectivas e visões de Benedito Nunes e Hayden White, explorando as vertentes literárias de Clarice, e que estilo e discursos são utilizados para realizar abordagens críticas que unem a literatura com pautas sociais relevantes, essa etapa também tem como enfoque analisar as estratégias estilísticas e discursivas da autora.

O intuito é explorar de maneira detalhada todas as nuances da obra, e compreender a riqueza crítica de *“A hora da Estrela”*, e as estratégias de escrita utilizadas pela autora para

unir as pautas sociais e o debate crítico. Desse modo, essas 3 etapas mostram-se como os principais pilares para toda a construção da presente Monografia, embasando e sustentando as teorias e temáticas abordadas, a luz da vertente crítica dos referidos teóricos então trabalhados, e da literatura trazida por Lispector, que através de sua subjetividade, traz pautas importantes permeadas de crítica social.

Portanto, a metodologia de pesquisa desse trabalho debruçasse na leitura e análise particular de obras e teóricos que estejam interligados com as pautas então abordadas, assim como, na pesquisa detalhada de fontes que sustentam e contextualizam a ideia de que “*A hora da Estrela*” é uma obra que apesar de sua linguagem ligeiramente poética e subjetiva, possui o caráter crítico de abordar pautas importante, dando voz ao excluídos e marginalizados, que sofrem com a segregação social.

### **CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS**

Para que seja possível compreender e analisar profundamente as nuances da obra de Lispector, é necessário também compreender e conhecer de maneira mais detalhada sobre a escritora da presente obra, a pergunta que fica para muitos de nós é, quem é Clarice Lispector? Quem é a voz por detrás de obras tão impactantes e que adentram tão profundamente nosso imaginário? Mostra-se de suma importância, conhecer a mente, as peculiaridades e estilo único de Clarice Lispector.

A obra “*A hora da Estrela*”, publicada em 1977, é amplamente considerada um marco da literatura brasileira do século XX, escrita por Clarice Lispector, um dos maiores nomes da modernidade literária nacional, e um verdadeiro ícone de nossa literatura, Clarice Lispector (1920-1977) nasceu na Ucrânia, em uma família judaica que fugia da perseguição antissemita, chegou ao Brasil ainda criança e cresceu na cidade de Recife, Pernambuco.

Lispector publicou romances, crônicas e contos de muito prestígio na literatura brasileira, sempre explorando temas como a identidade, existência, epifanias e a complexidade da alma. Obras como “*A Paixão Segundo G.H*” (1964); “*Laços de Família*” (1960); “*Felicidade Clandestina*” (1971) e “*A hora da Estrela*” (1977), são algumas de suas obras, mais destacadas no cenário da literatura nacional.

Clarice Lispector revolucionou a literatura com seu estilo intimista e abordagem psicológica em sua escrita, algumas de suas principais características são o fluxo de consciência, epifanias, uma linguagem poética e bastante filosófica, exploração do feminino e

a desconstrução da narrativa tradicional. Isso faz dela uma das escritoras mais peculiares e admiráveis de nossa literatura.

O romance vai além da narrativa tradicional ao propor uma reflexão profunda sobre todas as complexidades da condição humana, explorando com sensibilidade a marginalidade e a pobreza. Essas temáticas abordadas são entrelaçadas a questões de cunho existencial e social, evidenciando a habilidade de unir o individual ao coletivo e o psicológico ao político.

Por meio da figura da protagonista Macabéa, Lispector constrói um retrato poético e crítico das desigualdades sociais e da exclusão que afligem uma parcela significativa da população brasileira, a autora busca explicitar as mazelas sociais através de uma linguagem multifacetada que também esbanja subjetividade e um caráter poético único.

### **3.1. ANÁLISE ESTRUTURAL E ESTILÍSTICA DA OBRA “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR**

Ao realizar uma análise mais concisa da obra, é possível identificar aspectos interessantes sobre a estrutura e os aspectos estilísticos da referida obra. Com relação a sua estrutura narrativa, o romance apresenta uma narrativa que frequentemente se desvia para pensamentos dispersos, hesitações e reflexões existenciais; ironia e paradoxo pois há uma escárnio constante na forma como o narrador, Rodrigo S.M., descreve a miséria de Macabéa, ele oscila também entre a compaixão e o sarcasmo, evidenciando sua própria crise diante da história que conta, e os paradoxos como a ideia de que Macabéa é “livre” por não ter consciência de sua própria miséria, construção da personagem e o papel do escritor na sociedade.

White propõe que a historiografia, assim como a literatura, é construída por meio de estruturas narrativas e escolhas estilísticas que moldam a interpretação dos fatos, destacando desse modo o papel do discurso na organização do sentido. A visão de White se mostra muito pertinente ao analisar-se *A Hora da Estrela*, cuja narrativa, dentro de suas especificidades revela um narrador consciente da artificialidade do discurso e que questiona constantemente os limites entre o real e a representação.

A abordagem da pobreza e marginalidade, não é apenas temática, mas também discursiva, pois a forma como a história é contada ressalta a mediação subjetiva do narrador, reafirmando que toda a narrativa é uma forma de dar sentido ao mundo através de estruturas ficcionais e ideológicas. Com base no papel do escritor, White afirma que:

Nietzsche em contrapartida, insistia em que a interpretação era necessária na historiografia por causa da natureza dessa “objetividade” que o historiador se empenhava em alcançar. Esta objetividade, não era a do cientista nem a do juiz do tribunal, mas do artista, mais especificamente a do dramaturgo. A tarefa do historiador era pensar dramaturgicamente, vale dizer, “pensar uma coisa conjunta com outra e tecer elementos num todo singular, na presunção de que unidade do plano deve ser posta nos objetos se ainda não estiver aí”. (White, 1978, p. 68)

Com base nessa afirmação de White, atrelado também aos pensamentos de Nietzsche por ele citados, compreende-se o papel primordial do escritor em tecer de maneira concisa elementos que construam a história de uma forma coerente, no caso de *Lispector*, ela utiliza de recursos estilísticos e poéticos para chamar atenção para a sua protagonista, além de construir uma narrativa com um engajamento crítico singular.

Se faz importante destacar também o uso de imagens e sinestésias, pois *Lispector* descreve com frequência sensações e percepções de maneira sinestésica, criando uma série de imagens vívidas para expressar a falta de pertencimento da protagonista ao mundo; minimalismo na construção da personagem visto que a protagonista é definida por ausências: sem beleza, sem inteligência e sem amor, esse esvaziamento contribui para o efeito de apagamento social e psicológico de Macabéa, e a presença de um narrador onisciente que interfere diretamente na história.

Um exemplo desse esvaziamento de Macabéa, se dá pelas descrições que o narrador faz da mesma em meio a obra, o mesmo por várias vezes cita:

Viu ainda dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida – distúrbios talvez da tireoide, olhos que perguntavam. A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara? Talvez a pergunta vazia fosse apenas para que um dia alguém não viesse a dizer que ela nem ao menos havia perguntado. (*Lispector*, 1998, p. 23)

O narrador descreve Macabéa sempre com características de alguém adoentado, ou desprovido de alguma vantagem física ou estética, essas descrições reforçam a posição da personagem como excluída, esse esvaziamento citado pelo narrador se dá pela posição de Macabéa no núcleo social.

*Lispector* traz uma personagem repleta de minimalismos, os quais vão além do caráter estético, mas que se perpetuam na própria crença da personagem, e em suas crises existenciais e dúvidas sobre tudo que a cerca, uma personagem que se encontra em posição inferior em seu núcleo social, não somente no aspecto financeiro, mas em outros aspectos que reforçam a mensagem que a narrativa repassa ao público.

A narrativa não segue uma estrutura linear tradicional, o narrador faz constantes digressões filosóficas e comentários sobre sua dificuldade em narrar a vida de Macabéa, dessa forma, há sobreposição entre a história da protagonista e o dilema existencial do narrador. Clarice também já indica no início do romance que há diversos desfechos para a história de Macabéa, essa indefinição gera um efeito de imprevisibilidade e reforça a fragilidade da personagem.

Com relação ao estilo literário de Lispector, sua escrita em “A hora da Estrela” segue uma tendência de fragmentação e fluidez, criando um efeito musical e poético. Muitas frases são curtas, abruptas e intercaladas com determinadas pausas, provocando uma leitura que reflete na hesitação e angústia. Com relação as questões relacionadas a fragmentação White afirma:

O historiador moderno, portanto, trabalha dentro de uma tradição na qual a narrativa é considerada o principal meio de apresentação dos eventos passados. No entanto, essa narrativa é moldada por convenções literárias que determinam, em grande medida, o significado atribuído aos eventos. (White, 1978, p. 92)

Essa observação relaciona-se com a forma que Clarice Lispector utiliza a fragmentação narrativa para refletir a desintegração da identidade da protagonista, Macabéa, e sua marginalização social. A estrutura fragmentada da obra espelha dessa forma a própria experiência de Macabéa, ressaltando sua condição de pobreza e invisibilidade social, desse modo, é possível compreender como Macabéa molda sua personalidade através das vivências, pois sua condição social também está sujeita a forma como o mundo a enxerga e como ela enxerga o mundo.

A forma de discurso utilizada na obra, contribuí para um debate amplo, onde as questões podem ser analisadas através das múltiplas visões tanto da protagonista, como também das demais personagens. White afirma:

*O modo como* uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. E chamá-la assim não deprecia de forma alguma o *status* das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento. (White, 1978, p. 102)

Partindo dessa visão de White, compreende-se que a forma de discurso e a harmonização de fatos, tanto históricos, como sociais e uma linguagem acessível utilizada pelo escritor em determinada narrativa contribuí para a construção de um determinado enredo, os atributos estilísticos do texto são ferramentas eficazes que contribuem para a boa estruturação da narrativa.

Lispector utiliza muito bem do artefato histórico e ficcional para atribuir uma crítica contundente a estrutura social e histórica do país, ao utilizar a figura de uma jovem nordestina a margem da sociedade, a autora constrói sua crítica, trazendo também embasamento histórico sobre a constante migração de nordestinos para as grandes Metrópolis na década de 1930 a 1970.

Desse modo, a estrutura estilística da obra se dá por um conjunto de ferramentas e recursos utilizados por Lispector para atribuir sentido crítico a obra, sem desvencilhar-se de seu caráter poético e seu conteúdo repleto de ambiguidade e subjetividade, atrelado também ao fator crítico da obra.

### **3.2. ECOANDO SILENCIOS: O DRAMA DA LINGUAGEM E DA POBREZA EM MACABÉA**

A literatura de Clarice Lispector possui uma forte capacidade de explorar a subjetividade humana em muitos aspectos, e questionar as limitações da linguagem. Na obra “O Drama da Linguagem: Uma leitura sobre Clarice Lispector”, Benedito Nunes analisa como a autora transforma a linguagem em um campo de tensões entre o desejo de expressão e a impossibilidade de capturar plenamente a experiência humana.

Esse “drama da linguagem” torna-se ainda mais significativo em a “*A hora da Estrela*”, por se tratar de uma obra que alia uma reflexão existencial a representação social da marginalidade, fazendo a perfeita união do ficcional com a realidade, estabelecendo um rico traçado crítico, com foco na protagonista Macabéa.

Em meio a obra é possível perceber a dificuldade do narrador Rodrigo S.M, em transmitir a história de Macabéa. Em meio a sua dificuldade, ele cita:

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia tremula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nos somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem de espírito [...]” (Lispector, 1998, p.10)

Essa declaração evidencia não apenas o desconforto existencial de Rodrigo, mas também a insuficiência da linguagem como um meio de compreender e representar a vida de

sua personagem, uma nordestina pobre e marginalizada, o narrador utiliza de figuras de linguagem para expressar seu profundo sentimentalismo pela vida da personagem.

Segundo Benedito Nunes (Nunes, 1995, p. 37) a linguagem na escrita de Lispector é atravessada por: “um movimento incessante entre o dizível e o indizível, entre o que se pode narrar e o que escapa a narração”, apontando para a tensão constante entre o narrador e sua tentativa de dar forma a existência de Macabéa, a obra traz à tona a constante luta em dar voz e sentido a existência da personagem, mostrando sua luta constante para ser vista pela sociedade.

A obra traz a figura de Macabéa simbolizando a pobreza em múltiplos níveis. Como migrante nordestina em um Rio de Janeiro hostil, ela enfrenta tanto a exclusão material quanto a simbólica, sua apatia e falta de consciência sobre a própria condição são expressas em diversos momentos na obra, como o próprio narrador expressa:

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para que, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer era uma ideia? Antes de nascer era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia. (Lispector, 1998, p. 24)

Essa ausência de consciência reflete não apenas sua marginalização social, mas também na busca constante da personagem por compreender sua existência e seu lugar no mundo, além disso, também reflete sua exclusão do discurso dominante, reforçando as ideias de Nunes sobre a linguagem como um instrumento que, ao mesmo tempo que inclui, também segrega.

Lispector utiliza de inúmeros artifícios para construir a trajetória de Macabéa, não apenas mostrando seus desafios exteriores, mas interiores, fazendo-se também um personagem da obra, através de Rodrigo S.M., como Nunes cita:

Refletindo-se em Macabéa, com quem se identifica antes mesmo que esta se apresente por inteiro, de corpo presente, Rodrigo S.M. também se faz personagem; e a sua vida, que se compõe a medida dessa existência outra, fictícia, da moça nordestina, cujo destino uma estrela desfavorável abrevia [...] A voz do narrador personagem é bastante jocosa para anunciar que a história da pobre datilógrafa desenrolar-se-á acompanhada por um rufar de tambor. (Nunes, 1995, p. 163)

Lispector expõe seus pensamentos e sua voz através do narrador, ela utiliza de inúmeros aspectos para se inserir dentro da obra e de alguma forma, aproximar-se de Macabéa e aproximá-la de seus leitores. Essa conexão entre a protagonista e os leitores, humaniza a

personagem, visto que dessa forma, todos os sentimentos, as dores e as aflições de Macabéa, são de alguma forma, sentidas também pelos leitores.

A relação entre linguagem e poder é central para a narrativa de Lispector, o narrador reconhece sua posição privilegiada como narrador, mas também a impossibilidade de jus a experiência de Macabéa. Em uma reflexão metalinguística, ele cita:

Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. (Lispector, 1998, p. 11)

Essa declaração evidencia o abismo entre o narrador e sua personagem, sublinhando o desequilíbrio intrínseco ao ato de narrar, mas demonstra também a necessidade desse narrador de relatar, de contar está estória e expurgar seus sentimentos através da escrita, e de demonstrar através de suas palavras, todos os males e todos os conflitos internos que permeiam a vida da jovem.

Com base nisso, (Nunes, 1995, p. 51) observa que “o narrador de Clarice se desdobra entre o ser e o dizer, expondo a insuficiência de ambas as dimensões”. Essa perspectiva intensifica a ideia de que a história de Macabéa é, em si, uma reflexão sobre a própria impossibilidade de representação.

As desigualdades sociais representadas na obra dialogam diretamente com as ideias de Candido (2006) em “Literatura e Sociedade”, especialmente sobre a capacidade da literatura de dar voz aos marginalizados. Macabéa, porém, não possui voz própria; sua história é contada através de Rodrigo, que de maneira constante faz uma reflexão sobre sua própria inadequação. Essa tensão é um convite para que o leitor possa reconhecer a condição dos “invisíveis” na sociedade brasileira. Como o próprio Rodrigo S.M enfatiza:

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. (Lispector, 1998, p. 32)

Com base nisso, Benedito Nunes (1995, p. 92) acrescenta que a narrativa: “torna-se um espelho onde o leitor é forçado a enxergar não apenas o outro marginalizado, mas também seu próprio lugar no jogo de exclusões sociais”.

Essa condição de invisibilidade se reflete na própria Macabéa, cuja existência é permeada por uma apatia quase completa. A falta de ambição e a passividade da personagem não são sinais de fraqueza, mas sim de uma resistência silenciosa às normas que definem o sucesso e a relevância social. Lispector transforma Macabéa em uma espécie de símbolo de um Brasil marcado pela desigualdade, mas também da humanidade daqueles que são frequentemente ignorados. Desse modo, (Nunes, 1995, p. 72) afirma: “Macabéa é a personificação do desamparo, mas também da dignidade silenciosa que a literatura pode revelar”.

A obra de Lispector transcende o simples retrato da pobreza para se tornar uma reflexão sobre a natureza da literatura e seu papel na sociedade. A obra não oferece soluções fáceis, mas desafia o leitor a reconhecer sua própria posição em um sistema que perpetua a exclusão. Ao unir todas essas perspectivas é possível perceber como Clarice Lispector constrói uma narrativa que é ao mesmo tempo profundamente política e profundamente humana, e essas duas vertentes se conectam e essa conexão traz uma amplitude para o debate.

A história de Macabéa não é apenas uma representação da marginalidade, mas também uma prova do poder transformador da literatura como espaço de resistência e reflexão, como um espaço de voz aos silenciados e como um campo onde os múltiplos pensamentos críticos se cruzam de variadas formas.

### **3.3. A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”**

Para aprofundar a análise na obra, foi necessário considerar como o discurso literário organiza e reconfigura a experiência social. Nesse determinado ponto a pesquisa apoia-se nas reflexões de White (1994), que argumenta que a narrativa, seja literária ou historiográfica, é um instrumento de ordenação do real. A literatura, ao estruturar a experiência por meio da linguagem, não apenas representa a realidade, mas a interpreta e a ressignifica. White, enfatiza que:

Nenhum conjunto de eventos relatados constitui, por si só, uma história: os eventos precisam ser reunidos e organizados em uma estrutura narrativa, que lhes conceda coerência e sentido. A significação de um evento histórico ou ficcional não está apenas no que ele é, mas na forma como é contado, pois a escolha da estrutura narrativa influencia diretamente a recepção e interpretação dos fatos pelo leitor. (White, 1994, p.35)

Essa perspectiva reforça a ideia de que a literatura de Lispector, ao narrar a trajetória de Macabéa, não apenas apresenta uma realidade social excludente, mas também cria um discurso sobre essa realidade. O narrador, Rodrigo S.M., ao relatar a história da protagonista, participa ativamente de todo esse processo discursivo, questionando a própria capacidade da linguagem de capturar a essência da vida de Macabéa.

Dessa forma, sua narração não se limita a simples descrição de eventos, mas reorganiza, evidenciando a fragmentação, a marginalidade e a precariedade existencial da personagem. A mescla entre o real e o ficcional dentro da obra contribui para o aspecto denunciativo do discurso de Lispector na obra, relacionado a isso, White cita:

A distinção mais antiga entre ficção e história, na qual a ficção é concebida como representação do imaginável e a história com representação do verdadeiro, deve dar lugar ao reconhecimento de que só podemos conhecer o *real* comparando-o ou equiparando-o ao *imaginável*. Assim concebidas, as narrativas históricas são estruturas complexas em que se imagina que um mundo da experiência existe pelo menos de dois modos, um dos quais é codificado como “real” e o outro se “revela” como ilusório no decorrer da narrativa. (White, 1994, p. 115)

Partindo dessa afirmação de White, compreende-se que uma das estratégias da autora é justamente unir o real e o ficcional, incorporando ambos os aspectos ao debate crítico e retratando as pautas sociais e as mazelas da sociedade através da ficção. Através da figura de sua protagonista, Lispector trás elementos históricos, sociais e faz a ponte entre ficção e realidade, ampliando assim um caráter simbólico da obra e trazendo a tona o papel da literatura como fonte crítica.

Macabéa e os outros personagens da obra, dentro de determinados contextos e elementos abordados, escancaram e criticam a estrutura social vigente, retratando a raiz da marginalidade e suas principais consequenciais. Lispector, ao realizar essa junção de elementos e usar a historicidade incorporada a subjetividade de sua linguagem literária, constrói seu discurso denunciativo, relevando e dando uma voz em meio ao silêncio da opressão social.

Ao longo da narrativa, percebe-se que a linguagem se torna um elemento fundamental para a construção do sentido da obra. O modo como a história é contada, com interrupções, digressões e uma constante autorreflexão sobre o ato de narrar, reforça a ideia de que a vida de Macabéa não é apenas um reflexo da realidade, mas uma experiência mediada pelo discurso literário. Um claro exemplo de autorreflexão em meio a obra, se dá quando o narrador cita:

É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto. E eu? De mim só se sabe que respiro. Embora só tivesse nela a pequena flama indispensável: um sopro de vida. (Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses

que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra.) [...].  
(Lispector, 1998, p. 34 – 35)

Observa-se desse modo, que o narrador não se limita apenas a relatar a história da personagem, mas ele constantemente reflete sobre questões existenciais, colocando-se também como parte da história e como um elemento também primordial da vida de Macabéa. Esses momentos de autorreflexão e a proximidade do narrador com a história, estabelece também a ampla conexão que Lispector tem com sua personagem, a linguagem que a mesma busca repassar na narrativa.

A presença de um narrador onisciente na narrativa, reflete em toda a construção feita no enredo da história, fazendo disso um dos aspectos mais marcantes a serem analisados em “A hora da Estrela”. Através da ótica do narrador, é colocada em ênfase uma discussão sobre toda dificuldade em representar Macabéa, expondo assim os limites da linguagem na captura da subjetividade de uma personagem marginalizada. O narrador reconhece a fragilidade da protagonista e, ao mesmo tempo, assume uma postura ambígua diante dela, ora demonstrando empatia, ora ironizando sua miséria.

Esse jogo entre proximidade e distanciamento reflete um dos aspectos centrais do discurso literário: a maneira como a história é contada influencia a percepção do leitor sobre a personagem e sua condição social, além também de sua recepção para com a obra. Sobre o processo de percepção do leitor, White argumenta que:

O leitor, no processo de acompanhar o relato desses eventos pelo historiador, chega pouco a pouco a compreender que a estória que está lendo é de um tipo, e não de outro; romance, tragédia, comédia, sátira, epopeia ou o que quer que seja. E, depois de perceber a classe ou tipo a que pertence a estória que está lendo, ele experimenta o efeito de ter os eventos da estória explicados para ele. (White, 1994, p. 103)

A forma de abordagem feita em meio a obra, influencia em como o leitor vai absorver e interpretar determinados conceitos da narrativa, o modo como determinadas mensagens são repassadas constrói a opinião e a visão crítica sobre a narrativa então contada. Em “*A hora da Estrela*”, as figuras de linguagem utilizadas por Lispector e a multiplicidade de contextos e assuntos abordados, amplia a visão crítica do leitor, visto que a autora consegue dessa forma fazer uma mesclagem exata entre uma visão crítica e social, uma visão mais subjetiva e emocional sobre a realidade da personagem.

A abordagem metalinguística insere a obra em uma tradição literária que questiona os próprios meios de produção narrativa. Lispector, por meio de seu narrador, desafia a ideia de

que a literatura pode simplesmente “dar voz” aos marginalizados sem problematizar essa representação.

Analisar a multiplicidade de discursos nessa obra é analisar e entender que Rodrigo S.M. não apenas relata os acontecimentos da vida de Macabéa, mas os reorganiza, impõe-lhes um significado e, assim, cria uma interpretação sobre a realidade social que ultrapassa a simples descrição. Cândido em “Literatura e Sociedade” afirma que:

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público. (Candido,2006, p. 48)

Desse modo é possível compreender que o discurso utilizado na obra objetifica conectar os sentimentos do leitor a narrativa, Lispector utiliza Rodrigo. S.M. como o intermediário para repassar seus pensamentos e sua visão crítica ao seu público, aproximando-os da narrativa e estabelecendo uma primorosa conexão entre leitor e autor.

Ao se conectar com seu público, Lispector não apenas expõe sua crítica relacionada a toda uma estrutura social, mas também promove ao leitor uma conexão mais forte com sua protagonista, dando a oportunidade de conhecer a mente e o interior de Macabéa, para que o leitor não apenas se compadeça de situação, mais enxergue e valorize a humanidade da personagem.

Na interseção entre a crítica marxista e a teoria da historiografia, é possível articular um diálogo profícuo entre Marx e White, para enriquecer a análise discursiva dessas representações. Marx, ao revelar as estruturas de exploração inerentes do modo de produção capitalista, evidencia desse modo como a pobreza não é uma condição natural, mas uma consequência histórica das relações de dominação.

Já White, ao refletir sobre a natureza narrativa da história e da linguagem, argumenta que todo discurso, inclusive o literário, organiza os eventos segundo formas retóricas e ideológicas que moldam a percepção da realidade. Assim, a obra se posiciona criticamente diante das estruturas sociais que perpetuam a exclusão e, ao mesmo tempo, problematiza os mecanismos narrativos que transformam vidas marginalizadas em objetos de representação.

Portanto, objetifica-se uma análise aprofundada sobre os aspectos e nuances do livro, que nos fazem compreender e analisar criticamente as estruturas sociais e o princípio da exclusão, enraizada na sociedade, as análises embarcam nos pensamentos e vertentes

filosóficas, que possibilitam um esclarecimento sobre os recursos estilísticos, estruturais e discursivos utilizados por Lispector, e como ela utiliza a literatura como ferramenta na construção de um pensamento crítico sobre o lugar dos “apagados” na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES**

A pauta da marginalidade e da pobreza, e suas representações em meio ao campo do debate crítico social, reforça todos os aspectos históricos, culturais, sociais e políticos que permeiam esse debate, a análise crítica e reflexiva baseada nesses aspectos, sustentou o objetivo central da pesquisa em explorar técnicas narrativas de Lispector, e investigar possíveis relações entre pobreza, identidade e poder na obra. Desse modo foi possível compreender a literatura como uma fonte primordial de pesquisa, que retrata aspectos centrais da sociedade através da ficção.

A pesquisa reforçar a importância de debater criticamente sobre as mazelas sociais e as representações, políticas, sociais e simbólicas da pobreza e marginalidade que permeiam a literatura. Ao tratar das temáticas na obra “A hora da Estrela” de Clarice Lispector, se fez necessário desenvolver uma linha de pensamento crítico que vai além da subjetividade do mundo literário, é necessário compreender, estudar e analisar todos os aspectos que permeiam o escopo desse estudo. Abarcar a sensibilidade de determinadas pautas e ter um olhar aprofundado sobre o núcleo social que rege a sociedade desde os primórdios.

A pesquisa traz a segregação social como uma problemática através de múltiplas vertentes de debate pelo olhar do excluído e analisa as características estilísticas e discursivas de Lispector, realizando um traçado crítico e reflexivo com demais teóricos que estudam a sociedade e suas conjecturas de formas variadas. Clarice Lispector buscou denunciar, debater e dialogar sobre a subjetividade e sua abordagem introspectiva que carrega traços poéticos, a autora faz uma abordagem crítica que vai além do literário e que aborda os dilemas existenciais de sua personagem, explorando uma multiplicidade de significados.

A literatura reforça sua função social, como uma ferramenta de debate que não apenas relata determinadas histórias, mas é a responsável por dar voz, instigar o debate e a reflexão social, a pesquisa busca reforçar esse papel, dialogando e promovendo uma análise que vai além do caráter subjetivo, mas que também explora o caráter social por inúmeras vertentes.

Com base nos pensamentos dos teóricos então estudados, a pesquisa sustenta sua base teórica com análises concisas e detalhadas sobre as abordagens então feitas, ao dialogar com as

ideias de Candido (2006), Marx (2013), Sartre (2005), Foucault (1978) e (2011), White (1994) e Nunes (1995), a presente pesquisa reforça seu objetivo em firmar o papel da literatura como ferramenta primordial para o debate e estudo do campo social, consolidando sua importância nesse meio, e mostrando os principais aspectos que reforçam a mesma como fonte essencial que une o ficcional e o real, promovendo e reforçando a criticidade desse meio.

Desse modo, reforçam o estudo detalhado sobre as questões políticas e sociais relacionadas a exploração da força de trabalho e exploração de classes trabalhistas que sustentam e regem o sistema social capitalista que se consolida desde de seu desenvolvimento, as representações simbólicas da obra que dialogam sobre as questões existenciais do “ser” em meio a sociedade trazendo as autorreflexões e questionamentos existenciais dos marginalizados reforçam ideias filosóficas que tratam sobre a loucura, o deslocamento social e as múltiplas formas de discurso, que regem e robustecem o conteúdo da obra.

Pesquisar, dialogar e debater de maneira crítica sobre os aspectos das mazelas sociais representados na literatura brasileira, especificamente na obra de Lispector, vai muito além de uma análise ampla sobre determinadas questões, é rever determinados conceitos e analisar campos da sociedade que ultrapassam o que conhecemos, é debruçar-se sobre um campo de estudo que traz o simbólico, o sensível e o imaginário da literatura, entrelaçado em meio a crítica social e os inúmeros debates que se originam desse meio.

A obra “A hora da Estrela” se mostra como universal em seu debate e visão sobre a sociedade, e ao mesmo tempo única, em meio ao seu simbolismo, linguagem e riqueza poética e subjetiva, é uma narrativa que amplia os sentidos, trazendo à tona múltiplos olhares sobre o mundo e a sociedade ao seu redor.

A linguagem e as técnicas narrativas peculiares de Clarice Lispector, reforçam seu caráter literário como escritora, de levar sua literatura para o mundo não apenas como uma simples arte, mas como uma forma simbólica de debater, criticar e refletir sobre todas as facetas humanas que muitas das vezes não conhecemos ou não compreendemos.

Portanto, a presente pesquisa alcança seu objetivo de analisar as representações relacionadas a marginalidade e pobreza em, “A hora da Estrela”, explorando um campo de visão crítica que constrói um debate sobre as mazelas sociais e suas principais representações simbólicas em meio a literatura, a presente monografia propõe um debate que vai além do campo literário, tecendo análises reflexivas que debatem sobre as inúmeras formas de segregação social e como elas se fazem presentes nas camadas sociais, e também as formas como a literatura de Clarice Lispector representa e amplifica esse estudo da sociedade.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005.

FOUCAULT, Michel . **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edição Loyola, 2011.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora Nacional, 1994.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **“A hora da Estrela”**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

